

Climatério: papel do enfermeiro da atenção primária à saúde no cuidado e orientação da sexualidade: uma revisão integrativa de literatura

Climacteric period: the role of primary health care nurses in sexuality care and orientation: an integrative literature review

Climaterio: papel de las enfermeras de atención primaria en la atención y orientación sexual: una revisión bibliográfica integradora

Recebido: 26/05/2023 | Revisado: 02/06/2023 | Aceitado: 03/06/2023 | Publicado: 07/06/2023

Daniela Alves de Souza Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4394-0277>

Centro Universitário Una, Brasil

E-mail: 231danielaalves@gmail.com

Eduarda Medeiros de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5991-4507>

Centro Universitário Una, Brasil

E-mail: dudamfreitas18@gmail.com

Eduardo Nogueira Cortez

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4974-1451>

Centro Universitário Una, Brasil

E-mail: eduardocortez@prof.una.br

Larissa Luisa Costa Alves

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8823-6916>

Centro Universitário Una, Brasil

E-mail: larissaluaisaalves@outlook.com

Resumo

Este estudo objetivou-se em realizar uma revisão integrativa de literatura para explorar o papel do enfermeiro da atenção primária à saúde no cuidado e orientação da sexualidade durante o climatério. A metodologia utilizada consistiu em busca e análise de estudos científicos em bases de dados eletrônicas, periódicos científicos e teses/dissertações relevantes ao tema. Foram incluídos estudos que abordavam a atuação do enfermeiro na orientação e cuidado da sexualidade durante o climatério, bem como os resultados obtidos. Os resultados da revisão demonstraram que o enfermeiro desempenha um papel importante nessa fase da vida da mulher. A atuação abrange desde a oferta de informações claras e atualizadas sobre as alterações físicas e psicológicas do climatério, até o suporte emocional e a orientação sobre práticas sexuais saudáveis e seguras. Verificou-se que o enfermeiro tem a capacidade de estabelecer uma relação de confiança e empatia com as mulheres em climatério, o que possibilita a abertura para discussões sobre questões íntimas e sensíveis relacionadas à sexualidade. Como conclusão, este estudo evidencia a importância do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde no cuidado e orientação da sexualidade durante o climatério. O enfermeiro deve estar preparado para abordar tais questões de forma sensível e acolhedora, fornecendo informações adequadas e promovendo a saúde sexual e o autocuidado das mulheres em climatério. Essa abordagem integral contribui para uma melhor qualidade de vida e bem-estar das mulheres nessa fase da vida.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Climatério; Papel do profissional de enfermagem; Sexualidade.

Abstract

This study aimed to conduct an integrative literature review to explore the role of primary health care nurses in the care and guidance of sexuality during the climacteric period. The methodology used consisted of a search and analysis of scientific studies in electronic databases, scientific journals and theses/dissertations relevant to the topic. Studies were included that addressed the role of nurses in the orientation and care of sexuality during the climacteric period, as well as the results obtained. The results of the review showed that nurses play an important role in this phase of women's lives. The role ranges from providing clear and updated information about the physical and psychological changes of the climacteric period, to emotional support and guidance on healthy and safe sexual practices. It was verified that nurses have the ability to establish a relationship of trust and empathy with women in the climacteric stage, which enables the opening of discussions about intimate and sensitive issues related to sexuality. In conclusion, this study highlights the importance of Primary Health Care nurses in the care and guidance of sexuality during the climacteric period. Nurses should be prepared to address such issues in a sensitive and welcoming way, providing adequate information and promoting sexual health and self-care for women in the climacteric period. This comprehensive approach contributes to a better quality of life and well-being of women in this phase of life.

Keywords: Primary Health Care; Climacteric; Role of the nursing professional; Sexuality.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo realizar una revisión bibliográfica integradora para explorar el papel de las enfermeras de atención primaria de salud en el cuidado y orientación de la sexualidad durante el climaterio. La metodología utilizada consistió en la búsqueda y análisis de estudios científicos en bases de datos electrónicas, periódicos científicos y tesis/disertaciones relevantes al tema. Se incluyeron estudios que abordaron la actuación del enfermero en la orientación y el cuidado de la sexualidad durante el climaterio, así como los resultados obtenidos. Los resultados de la revisión demostraron que las enfermeras desempeñan un papel importante en esta fase de la vida de las mujeres. El papel va desde ofrecer información clara y actualizada sobre las alteraciones físicas y psicológicas del climaterio, hasta apoyo emocional y orientación sobre prácticas sexuales saludables y seguras. Se verificó que las enfermeras tienen la capacidad de establecer una relación de confianza y empatía con las mujeres en el climaterio, lo que posibilita la apertura de discusiones sobre cuestiones íntimas y delicadas relacionadas con la sexualidad. Como conclusión, este estudio destaca la importancia de las enfermeras de Atención Primaria de Salud en el cuidado y orientación de la sexualidad durante el climaterio. La enfermera debe estar preparada para abordar estas cuestiones de forma sensible y acogedora, proporcionando información adecuada y promoviendo la salud sexual y el autocuidado de la mujer en el climaterio. Este enfoque integral contribuye a mejorar la calidad de vida y el bienestar de las mujeres en esta fase de la vida.

Palabras clave: Atención Primaria de Salud; Climaterio; Rol del profesional de enfermería; Sexualidad.

1. Introdução

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020) descreve que as mulheres são a maioria de toda população brasileira totalizando mais de 98 milhões, as principais usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS), seja para seu próprio atendimento ou com acompanhamento de familiares totalizando 50,77% da população brasileira.

Nessa perspectiva, a saúde está para além do acesso aos serviços ou à ausência de doença, ligada diretamente a qualidade de vida. Levando em consideração os muitos anos de vida que a mulher tem pela frente após o início do climatério, esses anos devem ser vividos de forma saudável e proveitosa. Alguns dos tratamentos alternativos estão inclusos alimentação saudável, execução de atividades físicas, terapia hormonal da menopausa (THM). Práticas integrativas e complementares, em especial a fitoterapia que age diretamente na diminuição das sintomatologias (Brasil, 2016).

Neste sentido, com o enfoque a qualidade de vida da mulher no processo do climatério, a Organização Mundial de Saúde (OMS) (1996), define como uma fase biológica da vida, e não como um processo patológico. Climatério não é uma enfermidade e sim um período comum da vida da mulher. Muitas passam sem necessidade de medicamentos e queixas. Outras têm manifestações que variam em sua intensidade.

Segundo o Ministério da Saúde (2016) o climatério caracteriza-se por um período de transição em que a mulher passa da fase reprodutiva para não reprodutiva. Desse modo, a menopausa é um fato que ocorre durante o climatério, esse período é dividido em três etapas: pré-menopausa, menopausa e pós-menopausa. O diagnóstico do climatério é predominantemente clínico baseado nas alterações menstruais e determinadas queixas ocorrendo na faixa etária entre 40 aos 65 anos, tendo várias mudanças hormonais no corpo da mulher, além de ser um período marcante em suas vidas.

No climatério ocorre o esgotamento dos folículos que causa a deficiência do estrogênio, hormônio de extrema importância que influencia diretamente na ação primordial do hipotálamo e age no apetite sexual, também atuante na vulva da mulher e na lubrificação, preparando o corpo para a relação sexual. Muitas mulheres devido a deficiência do estrogênio, perdem o desejo da relação sexual, relatando secura vaginal. E assim, sem mais informações e orientações permanecem com incômodos que afetam a qualidade de vida (Trento et al., 2021).

Tal situação tem como consequência a instalação de sintomas de natureza neurovegetativa ou vasomotora como ondas de calor, sudorese, aumento de risco para doença cardiovascular, osteoporose alterações nos órgãos sexuais, diminuição do tamanho das mamas, diminuição da elasticidade da pele e alterações urogenitais que podem prejudicar a função sexual da mulher devido a alterações do desejo e excitação afetando diretamente na qualidade de vida e os sintomas neuropsíquicos que são os distúrbios do sono, alterações de humor, depressão, ansiedade e diminuição da libido (Curta et al., 2020).

Considerando, os indesejáveis sintomas e os transtornos que as disfunções sexuais podem causar, há necessidade da

abordagem acolhedora para preservação da melhor qualidade de vida durante e após o climatério. Dessa forma é importante que as mulheres aprendam as informações em saúde para o conhecimento das mudanças do período de climatério, ressignificando essa fase como componente de seus ciclos de vida e não como sinônimo de velhice, incapacidade e fim da vida sexual (Valença et al., 2010).

E no que diz respeito a função sexual e climatério, acolher as mulheres em estágio inicial ou mais precoce possível é essencial para abordagem de mitigação dos sintomas e neste sentido a Atenção Primária à Saúde (APS) é o centro de cuidado a essas mulheres, responsável pelo acolhimento, pela escuta inicial qualificada, proposta de ações de promoção da saúde, assegurando a integralidade do cuidado e abordagem humanizada, aconselhamento, orientações e educação para a saúde e a qualidade de vida (Brasil, 2016).

Desta forma, é necessário que exista um acompanhamento com profissional de saúde objetivando o diagnóstico precoce, à promoção da saúde, o tratamento para minimização dos sintomas e a precaução com possíveis danos. Na APS um dos profissionais que ficam próximo às mulheres é o enfermeiro, em que ao atendimento desta mulher durante a fase climatérica deve ser realizado um acompanhamento minucioso para identificar todas as necessidades, e sanar dúvidas sobre o assunto, fazendo que ocorra orientações durante o atendimento à mulher e se necessário encaminhar para um médico ginecologista onde será feito exames de rotina para acompanhamento deste momento e avaliação da necessidade da TRH (Andrade, 2020).

Diante disso, as questões que orientaram este estudo foram: que causas estão relacionadas ao climatério, referente à sexualidade? Como pensar em formas de acolher e escutar as demandas dessas mulheres na APS que resultem em práticas de cuidado integral? E a partir destes questionamentos, o objetivo deste estudo foi analisar o papel do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde no cuidado à mulher na fase climatérica.

2. Metodologia

O presente estudo delinea-se por meio do método de revisão integrativa da literatura, que se traduz por ser um método que permite a síntese de conhecimento e a incorporação dos resultados de estudos significativos na prática, permitindo a incorporação de evidências da prática clínica na sistematização da pesquisa, por meio da avaliação crítica de um conjunto de dados (Sousa et. al., 2017).

Para delineamento e realização do estudo, optou-se protocolo de revisão integrativa PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis*), por se tratar de uma ferramenta de revisões de alta qualidade, propondo lista de itens a serem propostos no artigo e fluxogramas para composição de resultados (Riccio, 2021).

Para tanto, o estudo possuiu como questão norteadora: qual o papel do enfermeiro na assistência à mulher na fase climatérica na atenção básica? Com o intuito de responder tal questão, utilizou-se a estratégia de descrição “PECOS”, onde se P = População (Mulheres); E = Exposição (Climatério; sexualidade); C = Comparador; (Não se aplica) O = (*Outcome*) desfecho (papel do enfermeiro na atenção primária à Saúde); e, S = (*Study type*) (tipos de estudos) estudos descritivos, transversais e qualitativos. Os critérios elegíveis dos estudos encontrados delineiam por estudos observacionais e qualitativos que abordaram a temática envolvendo os profissionais da enfermagem. Quanto aos critérios de exclusão, foram descartados os estudos de opiniões de especialistas, cartas ao editor e artigos de revisão.

De modo a realizar a revisão de literatura a seguinte pergunta norteadora foi criada: “Como é a assistência das mulheres em período de climatério na APS, pelo enfermeiro?”

Como estratégia de busca utilizou-se os descritores do *Medical Subject Heading* (MeSH) e os Descritores em Saúde (DeCs) que foram: Papel do enfermeiro; Climatério; Sexualidade; atenção primária à saúde e quanto aos operadores booleanos utilizados foram “AND” para inclusão de termos diferentes e “OR” para termos sinônimos. Assim, definiu-se a equação de busca como Papel do enfermeiro and Climatério or Sexualidade and Atenção Primária à Saúde.

Como fontes de busca informação: utilizou-se as bases de dados o buscador da Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde (BVS), para seleção nas bases de dados BDEnf, IBECs, Lilacs, PHO-IRIS e Medline e literatura cinzenta, catalogada pelo buscador Google Acadêmico, e que se define por estudos não controlados por editores científicos, mas que podem simbolizar contextos práticos de vivência assistencial, como por exemplo teses de dissertação e teses de doutorado. A busca foi realizada do dia 08 de setembro de 2022 a 21 de março de 2023, não impondo restrição de idioma e nem de tempo.

No período em que ocorreu a coleta de materiais foram encontrados cerca de 41 artigos relacionados ao tema climatério, porém boa parte não atendeu aos critérios selecionados, após a leitura completa e minuciosa foram excluídos 30 artigos. Logo a finalização da leitura a amostra final foi constituída por 12 artigos.

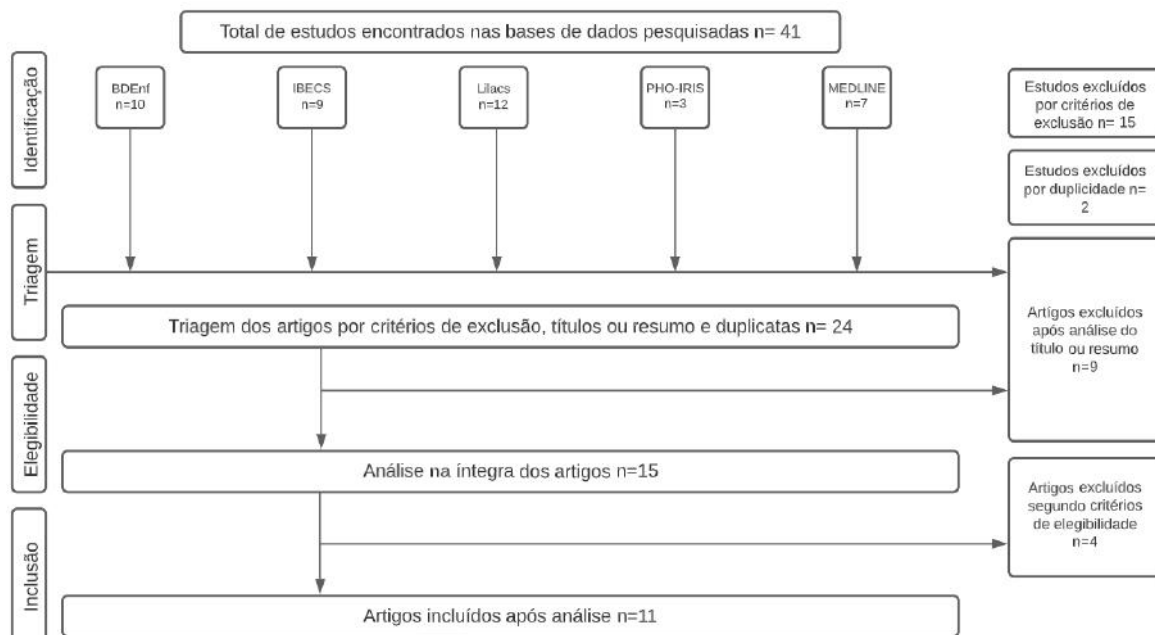
As diretrizes mais recentes, de 2016, recomendadas pelo MS para as mulheres no climatério, e a abordagem integral do cuidado nortearam as análises do material produzido.

3. Resultados

Uma vez selecionados artigos mediante aplicação dos critérios já descritos, procedeu-se a leitura de todos em sua integralidade, com o objetivo de avaliar sua adequação ao objeto do presente estudo. Além disso, e considerando-se o objetivo de realizar uma revisão integrativa de literatura, privilegiou-se a escolha de artigos de metodologia descritiva e exploratória, com vistas à incorporação de elementos da prática clínica na revisão de literatura.

Como forma de demonstrar a seleção dos artigos, de acordo com a Figura 1 abaixo:

Figura 1 - Fluxograma de seleção de artigos.



Fonte: Autores (2023).

Os artigos selecionados para estudo foram analisados em toda a extensão e seus dados foram coletados pelos pesquisadores incluindo as seguintes variáveis: (1) autor e ano de publicação; (2) delineamento de estudo; (3) objetivo; (4) tamanho da amostra e (5) principais resultados.

Após a análise dos artigos elencados, os principais resultados obtidos foram classificados em três categorias, as quais tiveram em escopo o objetivo do estudo. São elas: 1. Causas relacionadas ao climatério referente à sexualidade; 2. Reflexões

sobre a atenção a mulheres climatéricas: caminhos possíveis para a integralidade do cuidado. 3. Condutas do enfermeiro na atenção e cuidado com mulheres climatéricas.

Como forma de dimensionar e tornar mais clara a apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos, bem como demonstrar a forma que os artigos selecionados contribuem para atingir o objetivo do presente estudo, traz-se o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Sinopse dos artigos selecionados.

Autor e ano de publicação	Delineamento de estudo	Objetivo	Tamanho da amostra	Principais resultados
Santos et. al., 2022	Estudo descritivo qualitativo, com abordagem intencional, realizado em UBS no Município de Caruaru.	Descrever a percepção da consulta de enfermagem no climatério sob a ótica das mulheres atendidas.	Entrevista com 7 mulheres usuárias do serviço na fase do climatério.	Avaliação da percepção das participantes quanto à vivência do climatério e da percepção quanto à consulta de enfermagem.
Campos et. al., 2022	Estudo descritivo exploratório, de abordagem qualitativa.	Identificar o conhecimento e as condutas de enfermeiras na Atenção Primária à Saúde sobre climatério e menopausa.	Entrevista com 15 enfermeiras do Município de Pesqueira, Pernambuco.	Identificação de conhecimentos limitados sobre sintomas e intervenções terapêuticas.
Banazeski et. al., 2021	Estudo qualitativo, descritivo, dados analisados por meio de Análise Temática Dedutiva.	Analisar a atenção à saúde das mulheres acerca do manejo do climatério por enfermeiros de Atenção Primária à Saúde.	Entrevista individual com 8 enfermeiros que atuam com as Políticas Públicas para Mulheres na APS.	Identificação de que a atenção à saúde da mulher em climatério ocorre de forma fragmentada e descontínua, necessitando educação permanente.
Vieira et. al., 2018	Estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Unidade Básica de Saúde de um município do Noroeste do Paraná.	Verificar as percepções de mulheres que vivenciam o climatério.	Entrevista semiestruturada junto a 16 mulheres em dezembro de 2016 e submetidos a análise de conteúdo, modalidade temática.	Oportunizar o conhecimento das necessidades particulares e o planejamento de ações de cuidado.
Curta, Weissheimer, 2020	Pesquisa qualitativa exploratório-descritiva.	Conhecer as percepções e sentimentos sobre as alterações corporais de mulheres climatéricas em uma cidade do Rio Grande do Sul.	Entrevistas semiestruturadas realizadas com 16 mulheres.	Avaliação do conhecimento das mulheres sobre o climatério e a contribuição da enfermagem.
Luz, Frutuoso, 2021	Estudo exploratório de abordagem qualitativa, baseado em orientações teórico-metodológicas da pesquisa-intervenção.	Discutir a perspectiva de profissionais de saúde sobre o cuidado às mulheres no climatério na APS.	Oficinas realizadas com 13 trabalhadores de uma equipe da ESF localizada em Santos (SP).	Reconhecer a ausência de ações ofertadas às mulheres climatéricas e a invisibilidade das demandas.
Santos et. al., 2021	Estudo transversal, analítico e correlacional.	Avaliar a qualidade do sono em mulheres menopausadas e sua associação com os sintomas relacionados a esse período.	Entrevista com 373 mulheres na faixa etária acima de 45 anos.	Foram classificadas 261 mulheres (67,8%) como más dormidoras, e correlação da qualidade do sono com sintomas do climatério.
Trento, Madeiro, Rufino, 2021	Estudo descritivo, transversal, com aplicação de questionários sobre características demográficas, sintomas climatéricos e função sexual.	Avaliar a função sexual e fatores associados em mulheres na pós-menopausa.	380 mulheres de 40 a 65 anos, usuárias de serviços de saúde públicos em 2019.	Mais da metade (243/64%) das mulheres participantes no estudo apresentou risco de disfunção sexual.
Castilhos et. al., 2021	Pesquisa qualitativa desenvolvida em 21 Unidades de Saúde da Família (USFs), durante abril e junho de 2019.	Compreender as necessidades de cuidado de mulheres no climatério com Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS).	Entrevista semiestruturada com 15 mulheres com idade entre 40 e 69 anos; com diagnóstico referido de HAS, adstritas às USFs e que referiram não usar anticoncepcionais hormonais.	Ações de enfermagem identificadas envolvem manejo dos sinais e sintomas; acompanhamento dos níveis pressóricos, efetividade e adesão ao tratamento; orientação sobre escolhas alimentares; busca por informações confiáveis e escuta ativa.

Saú et. al., 2020	Estudo transversal envolvendo mulheres entre 40 e 65 anos de idade.	estimar a prevalência de ondas de calor e avaliar sua relação com síndrome metabólica em mulheres com idade ≥ 40 anos.	647 mulheres com idade média de 45,99 anos.	Identificação de uma associação positiva entre síndrome metabólica e ondas de calor.
Garcia, Gonçalves, Brigagão, 2013	Estudo descritivo e exploratório.	Identificar as ações de cuidado em saúde dirigidas às mulheres na faixa etária dos 45 aos 60 anos em uma unidade de saúde da família.	16 entrevistas com os profissionais da equipe.	Conclui-se que na unidade não há ações específicas dirigidas a essa população.
Sorpreso et. al., 2020	Estudo transversal realizado no Ambulatório de Saúde da Mulher do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo.	Identificar os diagnósticos em saúde e o fluxo de encaminhamento de mulheres no climatério.	Avaliação de 247 prontuários de mulheres atendidas.	Identificação de fatores que aumentam a complexidade dos atendimentos.

Fonte: Autores (2023).

Dessa forma, os principais resultados obtidos foram classificados em três categorias, como é demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 – Principais resultado obtidos e classificados em três categorias.

TEMA	AUTORES E ANO	TÍTULO
Causas relacionadas ao climatério referente à sexualidade.	Saú et. al. (2020)	Prevalence of hot flashes in women of 40 to 65 years of age with metabolic syndrome.
	Trento, Madeiro e Rufino (2021)	Sexual Function and Associated Factors in Postmenopausal Women.
	Sorpreso et. al. (2020)	Diagnosis and referral flow in the single health system for climacteric women.
	Castilhos et. al. (2021)	Necessidades de cuidado de mulheres no climatério com hipertensão: possibilidades de trabalho do enfermeiro.
	Vieira et. al. (2018)	Vivenciando o climatério: Percepções e vivências das mulheres atendidas na atenção básica.
Reflexões sobre a atenção a mulheres climatéricas: caminhos possíveis para a integralidade do cuidado.	Luz e Frutuoso (2021)	O olhar do profissional da Atenção Primária sobre o cuidado à mulher climatérica.
	Campos et al (2022)	Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde.
	Santos et. al. (2021)	percepção da mulher com relação à consulta do climatério.
	Garcia, Gonçalves e Brigagão (2013)	Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério.
Condutas do enfermeiro na atenção e cuidado com mulheres climatéricas.	Banazeski et al (2021)	Ações de atenção primária dirigidas às mulheres de 45 a 60 anos de idade.
	Campos et al (2022)	Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde.

Fonte: Autores (2023).

3.1 Causas relacionadas ao climatério referente à sexualidade

Acerca das causas, a principal delas está relacionada aos aspectos de decaimento hormonal decorrente do processo de envelhecimento. Pontuam Saú e outros (2020) que o hipostrogenismo que ocorre durante a transição menopausal pode resultar em sintomas desconfortáveis, como ondas de calor, que prejudicam significativamente a qualidade de vida. Clinicamente, tais ondas de calor se apresentam como episódios súbitos de superaquecimento percebido, geralmente no tronco e na face, resultantes de um desequilíbrio nos processos termorreguladores no nível do hipotálamo em resposta à redução dos níveis de estrogênio.

Saú e colaboradores ainda citam que esse desequilíbrio desencadeia mecanismos de resfriamento como rubor e sudorese e essas ondas de calor podem indicar um maior risco de Doença cardiovascular (DCV), possivelmente devido à ativação do

sistema nervoso simpático. Essa disfunção hormonal também tem o potencial de gerar outras alterações de natureza metabólica, como valores elevados de glicemia, pressão arterial, circunferência da cintura e Índice de Massa Corpórea (IMC), que indicam maior risco de DCV.

Na mesma linha Trento et al., (2021) apontam as questões hormonais como determinantes para o climatério. Os autores relatam a importância do estrogênio na função sexual feminina por ter uma ação central no hipotálamo e na área pré-óptica que leva a uma influência positiva na motivação, humor e desejo sexual. Também atua diretamente na vulva e na vagina, aumentando o fluxo sanguíneo genital e a lubrificação vaginal. Dessa forma, o estrogênio funciona melhorando o desejo e a excitação sexual. Assim, o hipoestrogenismo pode resultar em menor capacidade de resposta sexual ao agir no sistema nervoso central e nos tecidos periféricos, causando impactos psicossociais no âmbito do climatério.

Sorpreso e colaboradores (2020) avaliam também que aspectos relacionados a hábitos de vida e critérios socioeconômicos também são determinantes para eventual agravamento dos sintomas climatéricos, pois, as mulheres climatéricas passam à transição para a menopausa tardia e nos primeiros anos pós-menopausa, com pelo menos duas ou mais doenças clínicas associadas (hipertensão, diabetes ou hipotireoidismo).

Além das causas, necessário também pontuar as principais consequências relativas ao climatério. Nesse sentido, destaca-se o estudo feito por Castilhos e outros (2021), que enfatiza que o “passar pela menopausa” repercute em experiências distintas para as mulheres, haja vista que os sinais e sintomas podem apresentar intensidades variadas. Dessa forma, as necessidades de cuidado decorrentes do climatério demandam um planejamento singular do cuidado prestado, com o intuito de que este seja resolutivo, contínuo e acessível para a mulher. Dentre os sintomas e consequências, podem estar presentes alterações de humor significativas, cansaço e mudança no ritmo de realização das tarefas laborais, desconforto relacionado ao tratamento contínuo e as dificuldades de adesão à terapêutica medicamentosa prescrita em longo prazo. Nesse sentido, faz-se necessário uma adequada conduta da enfermagem, no sentido de propiciar o cuidado integral.

Segundo Vieira e outros (2018), as queixas das mulheres durante o climatério podem ser diversificadas e com intensidades diferentes, mas as principais manifestações que levam as mulheres a procurar o serviço de saúde são as ondas de calor (fogachos), sudorese, calafrios, palpitações, cefaleia, tonturas, parestesias, insônia, perda da memória e fadiga, além da diminuição da autoestima, irritabilidade, dificuldade de concentração e memória, dificuldades sexuais insônia, algumas sendo transitórias e outras permanentes. Esses sintomas caracterizam alterações metabólicas e hormonais que, muitas vezes, podem trazer mudanças em todo o contexto psicossocial. Desse modo destaca-se a necessidade do atendimento integral à mulher, em especial, durante a consulta de enfermagem, a fim de acolher suas queixas e principalmente orientá-las quanto as alterações características dessa fase e as ações de autocuidado para reduzir o impacto delas na qualidade de vida.

3.2 Reflexões sobre a atenção a mulheres climatéricas: caminhos possíveis para a integralidade do cuidado

Luz e Frutuoso (2021) refletem sobre a insuficiência do cuidado a mulheres climatéricas ao avaliar que os programas de saúde pública têm por base um atendimento que visa especificamente aspectos relativos a patologias, negligenciando questões relativas aos aspectos de bem-estar de maneira geral. Tomando a perspectiva da integralidade do cuidado, a organização da Atenção à Saúde da Mulher por meio de programas verticais, com vistas à melhoria de indicadores de saúde, não permite a ampliação das ações considerando as demandas da população, nem sempre explícitas nos encontros entre profissionais e usuárias. Não se trata de negar a importância dos indicadores epidemiológicos e da relevância da mortalidade materno-infantil na agenda do município, mas de reconhecer que algumas necessidades e ações não são apreendidas e/ou se justificam apenas pelos indicadores. Tal questão gera, de certa forma, uma instrumentalização do atendimento, que pouco contribui para a integralidade do cuidado.

Campos e outros (2022), ao avaliar a compreensão de enfermeiras sobre o atendimento na consulta de enfermagem enfatizam a importância do conhecimento e de uma adequada sistematização do atendimento de enfermagem (SAE) como forma de cuidado com mulheres climatéricas. A avaliação dos pesquisadores no estudo que foi conduzido aponta para a insuficiência de conhecimentos da equipe de enfermagem, impactando a assistência. Em alusão às alterações fisiológicas do climatério, os resultados apontaram para pouca compreensão sobre a amplitude das modificações decorrentes da atenuação da função ovariana, restringindo-as à diminuição dos níveis de estrogênio e progesterona. Com relação aos sinais e sintomas, as enfermeiras destacaram os mais comumente relatados pelas mulheres, as quais são: fogachos, sudorese noturna, distúrbios humorais, irritabilidade, alterações do sono, diminuição da libido, cansaço, ressecamento vaginal, cefaleia, alterações menstruais, dispareunia, alterações do metabolismo lipídico e ósseo. Notou-se, entretanto, a pouca referência das entrevistadas às alterações neuropsíquicas, como o estado de depressão, baixa autoestima, dificuldade para tomada de decisões, tristeza, labilidade emocional, ansiedade, nervosismo, irritabilidade e melancolia.

Verifica-se também que a integralidade do cuidado também está atrelada à critérios socioeconômicos e pessoais das mulheres climatéricas. Santos e colaboradores (2021) relatam que mulheres com baixas escolaridade e renda tendem a apresentar uma autopercepção negativa da saúde. Isso pode desdobrar-se na falta de conhecimento sobre as alterações que ocorrem no organismo feminino durante o climatério e influenciar a participação da mulher em atividades que beneficiam o seu estado de saúde, tais como o acesso às informações, o conhecimento sobre os cuidados com a saúde e a compreensão no que tange aos direitos sociais.

Destaca-se também a necessidade de que programas específicos para a atenção ao climatério sejam desenvolvidas. A atenção básica, embora se ocupe do acompanhamento e tratamento de questões de menor complexidade, deve realizar o controle de uma vasta gama de doenças da população de sua circunscrição, o que pode ensejar uma negligência ao atendimento às mulheres na idade do climatério. Essa questão foi observada por Garcia, Gonçalves e Brigagão (2013), quando mencionam que não há programas de saúde específicos para as mulheres dessa faixa etária, seguindo exclusivamente as prioridades estabelecidas pelas diretrizes da ESF, que preveem o cuidado aos hipertensos, aos diabéticos, às gestantes, às crianças e aos idosos, mas que, embora preconizado nos manuais disponíveis pelos órgãos superiores de saúde, não há o desenvolvimento específico de tais programas na atenção básica.

3.3 Condutas do enfermeiro na atenção e cuidado com mulheres climatéricas

A importância da educação continuada foi enfatizada por Banazeski e colaboradores (2021), destacando sua importância na integralidade do cuidado, especialmente em relação a promover reflexões sobre a abertura de novos programas, serviços e na ampliação do que já se tem disponível para atender às demandas deste ciclo feminino. Ressaltam os autores que as ações educativas constituem-se como uma dimensão relevante do trabalho do enfermeiro, sendo realizadas a partir da identificação de lacunas assistenciais no serviço e com o intuito de aumentar a qualidade do cuidado prestado. Capacitam-se, pela política de educação permanente, profissionais da saúde para melhorar a qualidade da assistência dos serviços oferecidos pelo SUS.

Campos e colaboradores (2022), quanto à atuação acerca da consulta de enfermagem, ressaltam que é de responsabilidade dos enfermeiros os cuidados integrais demandados para as pacientes, considerando tanto os aspectos biológicos, como os sociais e psicológicos das usuárias. Portanto, é necessário fazer a aplicação da SAE, por meio do Processo de Enfermagem, para que a assistência ocorra de forma organizada, eficiente e com foco no que está causando mais impactos no processo de saúde de cada indivíduo. A consulta de enfermagem em ginecologia, quando foca apenas na coleta citopatológica, torna a assistência fragmentada, e aspectos individuais podem ser deixados de lado. Dessa forma, na atenção à mulher no climatério, é imprescindível atentar-se à história clínica, às alterações físicas e emocionais e às queixas, como dispareunia, disúria, urgência miccional e corrimentos vaginais.

4. Discussão

A preocupação com o climatério deve ser relacionada a qualidade de vida e indicadores epidemiológicos, muitas vezes, podem tratar números com certa frieza e somente retratar do que mais adoecer ou morre a população, nem sempre trará a luz sobre os aspectos biopsicossocioespiritual e favorecerá a qualidade de vida para as mulheres que passam por este período.

A priori, é necessário destacar que a redução hormonal que enseja o climatério é um processo natural na vida da mulher. Leite e colaboradores (2012) afirmam que o climatério é uma fase biológica natural da vida da mulher e não um processo patológico e é reconhecido dentro do ciclo vital feminino como um momento em que ocorrem intensas transformações. A intensidade das modificações presentes no climatério é resultado tanto da deficiência hormonal, como dos fatores socioculturais e psicológicos decorrentes do processo de envelhecimento feminino.

O climatério possui implicações de natureza social e psicológica, as quais precisam estar em escopo no atendimento em nível da atenção básica, sob pena de impactar na integralidade do cuidado. Andrade e outros (2022), ao avaliar tal questão sobre o climatério, corroboram o entendimento de que o tema da sexualidade humana é um tabu dentro da sociedade, principalmente por parte das mulheres. Assim, estes autores avaliam que há implicações biopsicossociais e culturais que trazem a complexa conjunção de vida humana, baseada nas etapas reprodutivas e a ligação familiar, autocuidado, saúde física, mental e as relações interpessoais. Socialmente, é comum a presença de problemas sociais, como a saída dos filhos de casa, aparição de doenças, perda de familiares e amigos queridos, e o estresse dos problemas no relacionamento. Com esse cenário em escopo, o Ministério da Saúde (MS) vem buscando criar políticas públicas específicas como forma de acesso a essa questão. Dentre as ações, pode-se destacar a inclusão, no caderno de Atenção à Pessoa Idosa, um capítulo dedicado à sexualidade da mulher idosa, almejando assim a melhoria de abordagem por meio de profissionais da saúde referente à sexualidade no climatério.

Feitosa e outros (2015) seguem a mesma linha, mencionando que, baseado no bem-estar dessas mulheres é fundamental a adoção de programas de promoção da saúde e prevenção de riscos e doenças, baseados nas alterações ocorridas no climatério/menopausa, sendo importantes para prevenir ou retardar as manifestações clínicas, contribuindo ainda para uma melhor qualidade de vida. Diante disso, e visando preservar o bem-estar e a qualidade de vida dessas mulheres em climatério e vendo a carência das políticas públicas em saúde da mulher nessa fase, e em face desta necessidade, torna-se relevante que o profissional enfermeiro saiba reconhecer as mudanças que estão ocorrendo com essas mulheres. Assim, abre-se o papel do enfermeiro na integralidade do cuidado, sendo este o profissional central para a execução dessas políticas públicas na atenção básica.

Nesse sentido, conforme Silva, Dias e Oliveira (2019), a assistência que o enfermeiro deve prestar a mulher no período do climatério abrange a promoção e educação em saúde, fazendo que sejam compreendidos suas fases e seus sintomas, dando a importância adequada a esse período, fazendo com que a mulher tenha qualidade de vida e fique bem consigo mesma, mostrando suas potencialidades e elevando sua autoestima, não se limitando, ao cuidarem das mulheres climatéricas, a apenas promover o uso de medicamentos para o corpo, devendo também se prestar ao acolhimento, no que tange aos seus medos e dúvidas nesta fase da vida.

Na mesma linha Oliveira e colaboradores (2017) avaliam a necessidade de urgência na (re)organização dos serviços de saúde, na perspectiva do autocuidado, para que as mulheres criem mecanismos de autonomia, a partir de estratégias desmedicalizadoras.

Freire e outros (2016) mencionam os aspectos relativos às limitações decorrentes de tabus e desconfortos experienciados pelas mulheres decorrentes da temática do climatério. A pesquisa por elas realizada evidenciou que, durante a vivência com as mulheres em idades variadas foi identificado limitações e dificuldades pelas mesmas em abordar a temática proposta: climatério e sexualidade. Verificou-se ainda que as mulheres nunca haviam participado de atividades de educação em saúde que abordassem sobre tal tema. As mesmas apresentaram-se bastante confusas entre os sintomas e a relação climatério e menopausa contudo,

esse assunto torna-se necessário ser abordado com a população, no entanto o grupo em estudo desencadeou timidez, constrangimento e insatisfação, sendo a timidez o comportamento maior percebido no momento indagado sobre a sexualidade no climatério em grande parte do grupo. Discutir sexualidade, mesmo na atualidade, ainda é presente tabus que pode ser decorrente da educação recebida, bem como a falta de informações.

Neste sentido, com a preocupação de cuidar da saúde e promover a qualidade de vida da mulher o Ministério da Saúde (MS) lança várias publicações para orientar o modelo de atenção, como exemplo em 2016, o MS brasileiro lançou o Caderno de Protocolos da Atenção Básica – Saúde das Mulheres, afirmando a necessidade de avanços no cuidado integral desse público, práticas voltadas à saúde reprodutiva e à prevenção de câncer de colo de útero e mama.

E anterior a este manual, em 2008, o MS publicou o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa elaborado pela Área Técnica da Saúde da Mulher (ATSM/MS) reforçou os objetivos da Política Nacional quanto à atenção ao climatério e destacou o acolhimento e a ética nas relações entre profissionais e pacientes diante dos aspectos emocionais e psicológicos, causado pelas transformações que acompanham o climatério.

No âmbito da atenção básica, onde o estudo foi realizado, a maioria das mulheres apresenta um menor nível econômico e educacional, fatores que as tornam mais vulneráveis para compreender informações e orientações recebidas, tanto de parentes próximos, amigos, como dos profissionais de saúde. Tal questão também provoca dificuldade de autopercepção da mulher com relação ao climatério, o que pode repercutir na dimensão do autocuidado/busca de cuidado à saúde nessa fase da vida. Portanto, o pouco nível educacional desdobra-se em outras dimensões dos determinantes sociais de saúde, sendo estes relacionados às condições de vida da mulher no climatério, o que impacta, sobremaneira, sua experiência nesse ciclo vital (Santos et al., 2021).

Entretanto, níveis escolares mais altos e maior renda proporcionam melhores práticas alimentares, conscientização e prática de atividades físicas e melhores condições de habitação. Dessa forma, a oportunidade de maior realização de atividades saudáveis, proporcionada em razão de mais tempo de ambiência escolar, tem como consequência o combate a doenças e às condições de morbimortalidade, que teriam como resultado uma piora na qualidade de vida, nesse sentido, cabe ao enfermeiro promover ações com vistas à educação para os sintomas e cuidado, bem como para a adoção de práticas de vida saudável, promovendo a equidade nessas situações.

Priorizam-se ações individuais com foco nas necessidades de cada região de saúde. Faz-se, por ela, parte da prática cotidiana do enfermeiro mediante as diretrizes curriculares nacionais, caracterizando-se como um dos pilares do exercício profissional. Sabe-se, em relação à educação continuada, que ela instiga e determina autoconfiança no cuidado ofertado, proporcionando momentos para a manifestação de experiências e desenvolvimento pessoal, possibilitando a melhora no relacionamento interpessoal, com os usuários, família e equipe. Funciona-se, no intuito de aumentar a qualidade dos serviços prestados, a Educação Permanente em Saúde como dispositivo de aproximação entre o cotidiano do profissional do SUS e as necessidades da população.

Considerando-se a qualidade de vida das mulheres climatéricas na APS, Albuquerque e outros (2019) indicam como papel da enfermagem a necessidade de uma reflexão imediata sobre a importância da promoção de hábitos e estilos de vida saudáveis, avaliação da saúde física, emocional e social dessas mulheres, particularmente nessa complexa fase da vida das mulheres, cabendo à enfermagem atuar nessa linha.

5. Conclusão

Diante da pesquisa realizada, foi possível verificar que o enfermeiro possui papel central no cuidado integral da mulher climatérica, tanto em relação ao diagnóstico e minimização dos sintomas, quanto em relação ao acolhimento, atendimento, incentivo a práticas de vida saudável e de informação da paciente no climatério.

Destaca-se que a questão se apresenta, muitas vezes, como um assunto tido como tabu, especialmente a mulheres com níveis de instrução menos avançado, que por consequência são a maioria das pacientes que buscam os serviços de saúde pública, em especial a atenção primária.

Nesse sentido, faz-se necessário que o enfermeiro tenha a sensibilidade de propiciar um atendimento acolhedor, buscando sempre a atenção integral à paciente, bem como estar em constante aperfeiçoamento para identificação e anamnese com vistas a sintomas que possam trazer maiores problemas à mulher no climatério.

Portanto, é ideal que sejam executadas ações de políticas públicas que desejem melhorar a prática e formação dos enfermeiros, garantindo recursos para uma assistência integral à mulher e então, dessa forma será possível prestar uma atenção primária à saúde de qualidade e satisfação.

Como sugestões para trabalhos futuros, cita-se o desenvolvimento de programas educacionais específicos voltados para a sexualidade durante o climatério, com ênfase na orientação sobre as mudanças físicas, emocionais e sexuais que ocorrem nesse período. Esses programas devem abordar questões relacionadas à autoestima, autoimagem corporal, resolução de problemas sexuais e comunicação entre o casal e, também, a realização de estudos que avaliem a efetividade de abordagens de enfermagem centradas na mulher e baseadas em evidências para melhorar a qualidade de vida sexual durante o climatério.

Dessa forma, considera-se que mais estudos de intervenção são necessários para melhorar a prática e com isso, melhores resultados para as mulheres e equipes das unidades de saúde.

Referências

- Albuquerque, G. P. M. D., Abrão, F. M. D. S., Almeida, A. M. D., Alves, D. L. R., Andrade, P. D. O. N., & Costa, A. M. D. (2019). Qualidade de vida no climatério de enfermeiras atuantes na atenção primária. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72, 154-161.
- Andrade, Â. R. L., Pontes, A. F., da Silva, B. C., Deodoro, M. F. P., da Silva, S. R. C., da Silva Abrão, F. M., ... & da Costa, A. M. (2022). Conhecimento do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde sobre sexualidade no climatério. *Research, Society and Development*, 11(3), e10011326244-e10011326244.
- Banazeski, A. C., Luzardo, A. R., Roza, A. J., & Sinski, K. C. (2021). Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério. *J Nurs UFPE on line*, 15, e245748.
- Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2004). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes*. Editora MS.
- Campos, P. F., Marçal, M. E. A., dos Santos Rocha, L., da Silva Carvalho, V. P., & de Oliveira, J. M. (2022). Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 12, e41-e41.
- Castilhos, L., Schimith, M. D., Silva, L. M. C. D., Prates, L. A., & Girardon-Perlini, N. M. O. (2021). Necessidades de cuidado de mulheres no climatério com hipertensão: possibilidades de trabalho do enfermeiro. *Rev. enferm. UFSM*, e15-e15.
- Curta, J. C., & Weissheimer, A. M. (2020). Perceptions and feelings about physical changes in climacteric women. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 41.
- Feitosa, J. C. M., de Lima Pereira, A. K., Camboim, J. C. A., de Farias Camboim, F. E., & de Sousa, M. N. A. (2015). Assistência de enfermagem à mulher no climatério. *Revista Coopex*, 6(6), 1-10.
- Freire, A. L., Araújo, K. S. D., Vila, A. C. D., & Araújo, M. A. D. S. (2016). Assistência de enfermagem à mulher no climatério e sua sexualidade: relato de experiência na atenção básica. *Revista Eletrônica de Trabalhos Acadêmicos Universo/Goiania*, 1(1).
- Garcia, N. K., Gonçalves, R., & Brigagão, J. I. M. (2013). Ações de atenção primária dirigidas às mulheres de 45 a 60 anos de idade. *Revista eletrônica de enfermagem*, 15(3), 711-9.
- Luz, M. M. F., & Frutuoso, M. F. P. (2021). O olhar do profissional da Atenção Primária sobre o cuidado à mulher climatérica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25.
- Leite, E. S., de Oliveira, F. B., Martins, Á. K. L., Ramalho, K. K. A., & Torquato, J. A. (2012). Perspectivas de mulheres sobre o climatério: conceitos e impactos sobre a saúde na atenção básica. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 4(4), 2942-2952.
- Oliveira, Z. M., da Costa Vargens, O. M., Acioli, S., & da Silva Santos, R. (2017). Cuidado de enfermagem no climatério: perspectiva desmedicalizadora na atenção primária de saúde. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 11(2), 1032-1043.
- Santos, C. L. D., Ferreira, L. G. D. A., França, V. G. C., Carvalho, M. V. G. D., Santos, R. B. D., & Sousa, V. J. D. (2022). A percepção da mulher com relação à consulta do climatério. *Nursing*, 25(285) (São Paulo), 7204-7221.
- Santos, M. A. D., Vilerá, A. N., Wysocki, A. D., Pereira, F. H., Oliveira, D. M. D., & Santos, V. B. (2021). Sleep quality and its association with menopausal and climacteric symptoms. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74.

Saú, H. P. F., Schmitt, A. C. B., Cardoso, M. R. A., & Aldrighi, J. M. (2020). Prevalence of hot flashes in women of 40 to 65 years of age with metabolic syndrome. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 66, 1628-1632.

Silva, M. G., Dias, M. S., & Oliveira, M. P. (2019). O período climatérico sob ótica da mulher. *Revista saber digital*, 12(1), 29-38.

Sorpreso, I. C. E., Figueiredo, F. W. D. S., Silva, A. T. M. D., Zangirolami-Raimundo, J., Silva, B. K. R., Adami, F., & Abreu, L. C. D. (2020). Diagnosis and referral flow in the single health system for climacteric women. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 66, 1036-1042.

Trento, S. R. S. S., Madeiro, A., & Rufino, A. C. (2021). Sexual function and associated factors in postmenopausal women. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 43, 522-529.

Vieira, T. M. M., de Araujo, C. R., de Souza, E. C. D. S., Costa, M. A. R., Teston, É. F., dos Santos Benedetti, G. M., & Marquete, V. F. (2018). Vivenciando o climatérico: percepções e vivências de mulheres atendidas na atenção básica. *Enfermagem em foco*, 9(2).